

# DEBATE

## CURSO BILÍNGÜE DE PEDAGOGIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA

*Bilingual Pedagogy Course: an inovating experience*

Edileuza Lobo\*

\*Doutoranda em Ciências Sociais (UERJ), mestre em Sociologia (UFRJ) bacharel e licenciada em História (UFRJ). Professoras de disciplina na área de Sociologia da Educação, Antropologia e História. Disciplinas ministradas no ISBE/INES: Escola, Cultura e Sociedade, Genealogia dos Posicionamentos Educacionais e Acompanhamento de Escolas em Salas de Aula.  
E-mail: [santanalobo@uol.com.br](mailto:santanalobo@uol.com.br)

Janete Mandelblatt\*\*

\*\*Mestre em Educação (UFRJ), bacharel e licenciada em Ciências Sociais (UFRJ) e licenciada em Língua Inglesa (Santa Úrsula). Professora de disciplinas nas áreas de Educação, Segunda Língua, Língua Estrangeira e Metodologia do Ensino de Línguas. Disciplinas ministradas no ISBE/INES: Concepções sobre Crianças, Construção Compartilhada do Conhecimento Escolar e Tópicos Especiais em Âmbito Bilíngüe.  
E-mail: [jmandelblatt@oi.com.br](mailto:jmandelblatt@oi.com.br)

**Material recebido em fevereiro de 2007 e selecionado em abril de 2007.**

### RESUMO

Este artigo relata a experiência inicial de duas professoras no Curso Bilíngüe de Pedagogia do ISBE-INES para surdos e ouvintes, tendo a Libras como língua de instrução e contando com a presença de intérpretes durante todas as atividades pedagógicas.

Frente aos desafios decorrentes da condição de ouvintes não usuárias da língua de sinais, buscou-se superar os problemas de comunicação com os alunos surdos, identificar suas características e desenvolver estratégias de ensino levando em conta a condição desse alunado, chegando-se ao final do ano letivo a resultados bastante promissores na construção do conhecimento por parte da grande maioria dos estudantes.

Ao revelar essa vivência pedagógica, as dificuldades encontradas e os caminhos propostos para sua superação, visa-se a contribuir para a discussão das especificidades do ensino do surdo

e a fornecer subsídios no sentido da aceitação das diferenças individuais, do convívio com a pluralidade humana e da garantia de cidadania plena para essa parcela da população.

**Palavras-chave:** Ensino de surdos. Educação bilíngüe. Prática pedagógica. Cidadania.

### ABSTRACT

*This article describes two teachers' initial experience in the Bilingual Pedagogy Course for deaf and hearing students, having the Brazilian Sign Language – Libras as language of instruction and counting on the presence of interpreters in every pedagogic activity.*

*Facing the challenges caused by their hearing condition and the fact of not being sign language users, these teachers tried to overcome communication problems with the deaf students, identify their specific characteristics and develop*

*teaching strategies respecting those students' conditions. This way, at the end of the first academic year it was possible to reach very promising results concerning the knowledge-building process on the part of the learners.*

*The purpose of revealing this pedagogic experience with the difficulties and solutions proposed to overcome them is to contribute for the discussion of the specificities of teaching deaf students and to supply subsidies for the acceptance of individual differences, the recognition of human plurality, and the assurance of total citizenship for this part of the population.*

**Key words:** Teaching of deaf, bilingual education, educational practice, citizenship.

O Curso de Pedagogia do Instituto Superior Bilíngüe de Educação (ISBE) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) se constituiu na primeira graduação e licenciatura na América Latina que tem como língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e conta com a presença de intérpretes durante todo o tempo de aula em todas as disciplinas, assim como nas demais atividades pedagógicas.

Iniciado em maio de 2006 como Normal Superior e meses depois transformado em Pedagogia, o curso tem como um de seus objetivos específicos o de “formar professores competentes e comprometidos com posicionamentos éticos, que englobem pensamento crítico, reflexivo e criativo, por meio de conhecimentos teóricos e práticos”<sup>1</sup>. Para assegurar sua condição de bilingüismo, reserva 50% das vagas para pessoas com deficiência auditiva e exige de todos os candidatos que comprovem, no processo seletivo, suficiente fluência em Libras. Quanto aos professores, é determinação da instituição que se capacitem em Línguas de Sinais, por meio de cursos intensivos voltados especialmente para os funcionários da casa ou pelos regulares, todos ministrados no INES. A disciplina Língua Portuguesa, por outro lado, é obrigatória apenas em sua modalidade escrita, entendida como L2 para os surdos. A esses estudantes é facultada a possibilidade de fazer todos os trabalhos e avaliações em Libras.

Como nos demais cursos dessa área, os pedagogos formados pelo INES estarão qualificados para atuar no âmbito da Educação Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e

**O cenário que, assim, se descortinava, colocava em atuação quatro agentes sociais – aluno surdo, aluno ouvinte, intérprete e professor, trazendo para este último não apenas o desafio da comunicação com os estudantes surdos, mas também o de articular os objetivos do curso à realidade apresentada, compartilhando o conhecido papel de mediador dos conhecimentos com a novidade da presença do intérprete, parceiro de fundamental importância para o desenvolvimento com sucesso das propostas curriculares.**

das disciplinas pedagógicas do Ensino Médio, assim como nas funções extraclasse de administração, orientação e supervisão escolar. O diferencial, no entanto, é a formação bilíngüe com espaço para estudo e discussão de questões da surdez, possibilitando identificação e compreensão das necessidades dos alunos surdos e viabilizando uma capacitação específica para trabalhar com pessoas com essa característica, incluídas nas escolas regulares ou em salas de aula onde existam apenas estudantes surdos.

#### AS PRIMEIRAS TURMAS

Apesar da já mencionada cota de 50% para pessoas com deficiência auditiva profunda, os resultados do processo seletivo para 2006 não permitiram que se alcançasse essa proporção, tendo as duas primeiras turmas – uma à tarde e outra à noite – iniciado o semestre letivo com um total de 17 surdos e 43 ouvintes. Os alunos surdos, a maioria egressos do Colégio de Aplicação do

INES e/ou trabalhando na instituição, evidenciavam sua satisfação e ansiedade para exercer o direito de cursar o nível superior, tendo como língua de instrução a sua língua natural. Os ouvintes, por outro lado, com níveis diferentes de competência em Libras e já trazendo uma bagagem de experiência no universo da surdez, seja por relações de parentesco, seja por atuações como professores ou intérpretes em escolas regulares inclusivas ou em instituições religiosas que congregam pessoas surdas, manifestavam visível comprometimento e entusiasmo com a possibilidade de vivenciarem o bilingüismo.

O cenário que, assim, se descortinava colocava em atuação quatro agentes sociais – aluno surdo, aluno ouvinte, intérprete e professor –, trazendo para este último não apenas o desafio da comunicação com os estudantes surdos, mas também o de articular os objetivos do curso à realidade apresentada, compartilhando o conhecido papel de mediador

<sup>1</sup> Currículo do Curso de Pedagogia do INES, página 11.

dos conhecimentos com a novidade da presença do intérprete, parceiro de fundamental importância para o desenvolvimento com sucesso das propostas curriculares.

Trindade (2002), em texto intitulado Um convite a sentir, chama o educador ao exercício do “sentir dentro da sala de aula” e, através de um exercício de imaginação, o convida a:

[...] fazer uma pausa e observar as pessoas à sua volta: seus rostos, seus olhos, suas peles, seus cabelos, suas expressões, seus jeitos... Agora imagine suas salas de aula, seus alunos e alunas e traga-os à memória lembrando-lhes os jeitos, os cheiros, os sorrisos, as impaciências, as angústias, os medos, as vestes, e adereços, as peles, as palavras, as belezas (TRINDADE, 2002, p. 7).

Foi com este “olhar procurando sentir” que se estabeleceu a comunicação inicial com os alunos, buscando, pela via da sensibilidade, encontrar, dentro e para além dos conhecimentos teóricos, o caminho mais adequado para a aproximação com todos e com cada um, a fim de melhor desempenhar o papel de educador na vida acadêmica dos estudantes. Deste modo, através de uma abordagem de tipo etnográfico e ao mesmo tempo interacionista, procurou-se compreender o universo no qual se estava inserido, refletindo sobre a prática docente no acontecer cotidiano (André, 2004). As descobertas, conclusões e resultados mais significativos a que se chegou serão relatados e analisados a seguir.

### AS PRIMEIRAS DESCOBERTAS

Iniciantes na prática pedagógica bilíngüe, tivemos, primeiramente, que superar o estranhamento de dar aula a pessoas que, por serem surdas, não olham para o professor, e sim para o intérprete. Em seguida, precisamos, desde o primeiro dia, nos acostumar com uma série de novos procedimentos. Entre eles, a atenção com o posicionamento e a movimentação na sala de aula, evitando ficar na frente do intérprete; o ritmo e a velocidade da exposição, com vistas a possibilitar sua transposição para a outra língua; a escolha de palavras e construções que permitam manter o conteúdo dentro de sua necessária complexidade, sem oferecer dificuldade demasiada para a interpretação; o silêncio enquanto se escreve no quadro, para que os alunos possam ler, perguntar o que não entendem e, eventualmente, copiar; a habilidade de conduzir as interações professor-aluno e aluno-aluno, de tal forma que comentários não se sobreponham, impedindo a interpretação de algumas falas e, assim, privando o estudante surdo de acompanhá-las; e o mais importante: buscar formas de interagir o tempo todo com os surdos, incentivando sua participação na dinâmica da aula, reforçando sua auto-estima e monitorando sua evolução na construção do conhecimento acadêmico.

Mesmo com todos esses cuidados, percebemos que ainda havia muito a aprender e a aperfeiçoar. E nossa aprendizagem começou pela compreensão das funções, do papel e das limitações do intérprete educacional.

### O ENTROSAMENTO E A PARCERIA PROFESSOR-INTÉRPRETE

Em primeiro lugar, rapidamente tivemos que perder a ilusão de que encontraríamos um “super-profissional, super-intérprete multidisciplinar” (Felipe, 2003, p. 92), cuja presença garantiria o total entendimento do conteúdo das aulas por parte dos surdos. Por maior que fosse a seriedade, o empenho e a proficiência em Libras das pessoas enviadas pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS)<sup>2</sup> para cumprir essa função, faltavam-lhes pelo menos duas condições essenciais para um desempenho mais eficaz: algum conhecimento na área de estudo dos educandos e domínio dos sinais específicos da linguagem acadêmica.

Intérpretes de Língua de Sinais que trabalham no Ensino Superior deveriam ter, no mínimo, uma formação superior, preferencialmente na área em que atuam. Como isso ainda não acontece no país, a pouca intimidade desses profissionais com a linguagem acadêmica e o desconhecimento de sinais para boa parte dos termos nela utilizados dificultam seu trabalho, que assim se mostra, entre outros fatores, responsável por uma defasagem entre a mensagem emitida pelo professor e a recebida pelos estudantes em questão. Essa dificuldade mostrou uma inequívoca necessidade de aproximação com nossos novos parceiros, o que se fez, gradativamente, abrindo espaço para reflexões sobre a prática pedagógica, visando a torná-la mais clara, adequada e proveitosa.

<sup>2</sup> FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

Passamos, então, a ter o cuidado de mantê-los informados a respeito dos temas e conteúdos previstos no programa, fornecendo-lhes resumos das aulas, disponibilizando cópias dos textos adotados e esclarecendo termos e conceitos por eles ignorados. Além disso, pedimos que mantivessem uma pesquisa contínua a respeito dos sinais necessários para cada assunto que se viesse a tratar e sugerimos que problemas que pudessem ser prognosticados em relação a sinais ainda inexistentes ou pouco conhecidos fossem, na medida do possível, resolvidos com os alunos no início de cada aula, chegando-se com eles a um acordo sobre os sinais a serem adotados provisoriamente, evitando, assim, interrupções desnecessárias e prejudiciais.

Como resultado da nova rotina, pôde-se observar uma mudança para melhor na qualidade do trabalho de interpretação, assim como um maior aproveitamento por parte dos alunos surdos. Evidenciou-se, também, o interesse dos intérpretes no seu crescimento pessoal e profissional, que resultou no seu ingresso no Ensino Superior. Hoje, cursando faculdade, eles se destacam entre os colegas, uma vez que a maioria das pessoas que trabalham nessa profissão aqui no Brasil possui, no máximo, o diploma do Ensino Médio.

## ADAPTAÇÕES NA METODOLOGIA

O cotidiano na sala de aula também demandou um repensar constante na metodologia de trabalho. Ingressantes no Ensino Superior e, portanto, sem experiência nesse novo ambiente, os alunos de primeiro período em qualquer faculdade costumam necessitar de algum tempo para adaptação. E se,

para os ouvintes, a linguagem acadêmica já se constitui em dificuldade a vencer, no caso específico dos surdos, ela se configura quase como uma língua estrangeira. Além disso, por conta da má qualidade do Ensino Básico em geral, grande parte dos estudantes brasileiros chega à universidade sem a bagagem conceitual necessária para a compreensão dos conteúdos das diversas disciplinas. Com os nossos alunos, a situação não seria diferente.

Compreendendo que esses dois fatores implicavam a necessidade de um número maior de aulas para a abordagem de cada tema do programa, fizemos algumas adaptações e passamos a adotar estratégias para melhor uso do tempo em favor das necessidades dos alunos. Como ensina Moretto,

[...] assim como as estratégias de ensino precisam estar ligadas às características do professor, elas precisam também respeitar a dos alunos. [...] Em cada nível de ensino e em cada contexto social e psicológico, é preciso usar estratégias adequadas ao público alvo (MORETTO, 2002, p. 50).

Um breve resumo das estratégias adotadas será delineado a seguir.

## AS TÉCNICAS DESENVOLVIDAS E AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS

A construção da intimidade dos alunos com os livros foi uma de nossas maiores preocupações. Segundo Oliver Sacks:

[...] as nossas capacidades de linguagem, pensamento, comunicação e cultura, não se desenvolvem de ma-

neira automática, não se compõem apenas de funções biológicas, mas têm origem social e histórica (SACKS, 2005, p. 10).

Assim, se entre os ouvintes nem sempre o hábito da leitura é cultivado, fazendo com que essa atividade muitas vezes seja vista como cansativa e tediosa, no caso dos surdos, a quem historicamente não tem sido dada a oportunidade para o desenvolvimento pleno de seus potenciais, a leitura, que efetivamente oferece barreiras por conta da condição de surdez, é entendida como árdua e passível de rejeição.

Por essa razão e com o intuito de amenizar as dificuldades no contato com os primeiros textos acadêmicos, antes de recomendá-los tivemos o cuidado de apresentar, situar e discutir suas idéias centrais. Em alguns casos, seccionamos os textos, de forma que, embora todos fizessem a leitura na íntegra, cada aluno se responsabilizasse pelo resumo e exposição de um trecho, promovendo, em seguida, a discussão coletiva do tema. Dessa forma, foram realizadas leituras compartilhadas sobre educação inclusiva e educação especial, com a respectiva legislação vigente, bilingüismo, multiculturalismo e outros assuntos ligados à realidade da surdez, para que os futuros professores deste universo fossem adquirindo, gradativamente, uma base teórica da prática educacional na qual estavam sendo inseridos.

O uso efetivo da linguagem acadêmica também se constituiu em objeto de nossas inquietações. Como ensina Moretto:

[...] buscar o significado dado pelo aluno para suas próprias palavras, dentro de um contexto que é único dele, é parte do processo de ensino e



**Nesse mesmo trabalho, a explanação do aluno deveria ser enriquecida com imagens ilustrativas que viessem a compor um painel temático exposto na sala de aula.**

**Essa estratégia de um mosaico construído pelos alunos, representando as idéias centrais dos temas estudados, mostrou-se bastante eficiente, tanto para correlacionar-se os conteúdos quanto para facilitar uma posterior revisão de tópicos anteriormente abordados.**

muda profundamente a forma de agir dos professores dentro da proposta construtivista sociointeracionista, pois o componente 'linguagem' passa a ter o seu real significado, isto é, um conjunto de símbolos e/ou sinais cujo sentido é dado dentro de um contexto específico (MORETTO, 2002, p. 52-53).

Com o intuito de observar mais de perto a evolução dos alunos nesse sentido, decidimos atribuir a cada um, por sorteio e no início do semestre, uma data para apresentação de trabalho. No dia previsto para a apresentação, o educando ficava responsável pelos primeiros quinze minutos da aula, devendo falar sobre um tema de sua escolha, relacionado com a unidade que estava sendo trabalhada naquela semana. Constatamos que, ao dar espaço para os estudantes se expressarem, seja em língua portuguesa, seja em língua de sinais, abriu-se um canal favorecedor de aproximação com uma linguagem até então estranha e distante, além de propiciar-se uma oportunidade para conhecê-los melhor e acompanhar sua compreensão e desenvolvimento na disciplina.

Nesse mesmo trabalho, a explanação do aluno deveria ser enriquecida

com imagens ilustrativas que viessem a compor um painel temático exposto na sala de aula. Essa estratégia de um mosaico construído pelos alunos, representando as idéias centrais dos temas estudados, mostrou-se bastante eficiente, tanto para se correlacionarem os conteúdos, quanto para facilitar uma posterior revisão de tópicos anteriormente abordados.

Uma outra forma de acompanhar a compreensão do conteúdo discutido em cada aula, assim como o progresso no processo de apropriação do conhecimento, foi dirigir à turma, durante todo o decorrer do período letivo, perguntas cujas respostas trouxessem um "feedback" sobre o entendimento e o aprofundamento nas idéias e conceitos abordados no dia. Diz Moretto:

Como saber o que o aluno pensa e quais são suas concepções prévias é o primeiro passo para a apropriação do conhecimento pelo aluno, a arte de perguntar com clareza e precisão precisa ser desenvolvida pelo professor para chegar à estrutura conceitual dos alunos (id., ibid., p. 51).

Com esse intuito, nos últimos

minutos de cada encontro, não deixávamos de direcionar a pelo menos dois alunos, um surdo e um ouvinte, a pergunta "o que você está levando desta aula?". As respostas a essa questão serviam a dois propósitos: provocar uma sinopse dos assuntos tratados e abrir caminho para uma nova discussão a respeito de temas eventualmente mal compreendidos ou insuficientemente assimilados.

Mais uma preocupação foi a de levarmos os alunos a conhecerem a história da educação dos surdos no Brasil. Para isso, a turma foi dividida em grupos, sendo a cada um atribuída a pesquisa sobre um período histórico, começando pela década de 50 do século 19, época da criação do INES, até os dias atuais. Os estudantes foram incentivados a pensar nos aspectos políticos e educacionais em cada época e como a pessoa surda se situava no contexto mais amplo da sociedade. Foi um trabalho de resgate da memória social e, neste sentido, vale lembrar Pollack quando afirma:

[...] a memória é um elemento constituinte de sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK 1992, p. 204).

A pesquisa, cujo objetivo era levá-los a compreender a história do grupo social no qual estão inseridos, no caso dos surdos, ou ao qual estão vinculados, no caso dos ouvintes, provocou grande envolvimento por parte de todos, trazendo relatos de histórias de vida com depoimentos emocionados. Serviu

também de base para a apresentação de seminários e ainda resultou na criação de um sítio na internet, ainda incompleto, porém gerador de grande entusiasmo por parte das turmas. Além disso, todos os grupos produziram uma versão do texto em formato acadêmico. Do ponto de vista pedagógico, acreditamos que esse trabalho não apenas proporcionou aos estudantes o contato com o universo da pesquisa, mas também promoveu maior conhecimento sobre o “mundo dos surdos”, fortalecendo os imprescindíveis laços de sociabilidade entre surdos e ouvintes.

## UMA PALAVRA SOBRE AS AVALIAÇÕES

Avaliar a aprendizagem tem um sentido amplo. A avaliação é feita de formas diversas, com instrumentos variados, sendo o mais comum deles, em nossa cultura, a prova escrita. Por esse motivo, em lugar de apregoarmos os malefícios da prova e levantarmos a bandeira de uma avaliação sem provas, procuramos seguir o princípio: se tivermos que elaborar provas, que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes (MORETTO, 2002, p. 95).

Partindo da concepção de que “a avaliação da aprendizagem é um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas” (Id., *ibid.*, p. 96) e encarando a prova como um exercício acadêmico que também pode oportunizar reflexão e construção de conhecimento, sugerimos aos alunos uma dinâmica que nos pareceu mais eficaz e menos estressante do que as avaliações tradicionais. Propusemos

provas escritas em duplas, compostas, sempre que possível, por um surdo e um ouvinte. Nessa opção, após analisar as questões e as possíveis respostas com seu parceiro, cada aluno responderia individualmente. Em seguida, uma nova discussão poderia ser realizada, seguida ou não de alterações no que cada um já havia escrito. As duas provas seriam entregues para correção individual, uma vez que as respostas poderiam ser totalmente diferentes, mesmo dentro da mesma dupla.

Apesar do direito de serem avaliados em Libras, nas nossas disciplinas todos os surdos optaram pela forma apresentada, e os resultados alcançados superaram todas as expectativas, não apenas quanto às notas obtidas, mas principalmente quanto à interação surdo-ouvinte e ao crescimento da autoconfiança dos alunos em relação à sua compreensão e produção em língua portuguesa.

## O CENÁRIO ATUAL

No segundo processo seletivo, realizado no início de 2007, a entrada de pessoas surdas se manteve na mesma proporção do ano anterior, tendo essa estabilidade se mostrado bastante animadora, uma vez que, por enquanto, o ISBE-INES só oferece o curso de Pedagogia. Acredita-se que, com a futura introdução de novos cursos voltados para outros interesses e vocações, o ingresso de pessoas com deficiência auditiva venha a apresentar um crescimento significativo.

Quanto ao nível das provas, esse segundo exame vestibular, além de mais rigoroso, foi também mais exigente em relação ao conhecimento de Libras, o que resultou em turmas mais

homogêneas, com maior entrosamento entre alunos surdos e ouvintes e trazendo uma possibilidade mais efetiva de prática de bilingüismo. No entanto, é preciso lembrar que ainda há muito a fazer, tanto por parte da instituição, aí incluídos todos os profissionais envolvidos no processo, como também por parte das autoridades educacionais constituídas, principalmente no que diz respeito ao investimento necessário na formação educacional dos intérpretes para que se possa realizar um bilingüismo verdadeiro e eficaz.

Por parte das professoras autoras destas reflexões, a constante pesquisa teórica sobre surdez e a experiência do ano anterior, somadas a um incessante repensar sobre a práxis em sala de aula, vêm permitindo uma atuação gradativamente mais segura, que se reflete em resultados positivos e sempre estimulantes, ainda que cada vez mais desafiadores.

## CONCLUSÕES

Na ocasião em que o Instituto Nacional de Educação de Surdos comemora 150 anos de atividades, não se pode deixar de celebrar os avanços e conquistas, tanto nas políticas públicas quanto no âmbito da sociedade em geral, no que se refere a este campo educacional. Mesmo assim, é preciso lembrar as limitações ainda existentes e que precisam ser vencidas para proporcionar o acesso da pessoa surda à educação de forma mais igualitária, respeitando suas características, sua identidade, seus traços culturais e oferecendo-lhe condições que propiciem sua formação integral, o desenvolvimento por inteiro de suas potencialidades, sua integração no mercado de trabalho

e o pleno usufruto de sua cidadania.

Nesse sentido, procurou-se, aqui, relatar práticas aplicadas à criação de um ambiente educacional aberto e favorável ao aluno surdo, buscando garantir-lhe condições de igualdade em relação ao ouvinte, ainda que em nenhum momento tenha-se pensado ter resolvido todos os problemas ou superado todas as dificuldades. Ao

contrário, acreditamos estar apenas no início de um árduo, porém desafiante percurso.

Lembramos que, para essas e outras ações se efetivarem, deve haver participação não apenas dos professores, mas de todos os demais agentes envolvidos no processo educacional. Somente por meio desse comprometimento será possível tornar realidade a construção

de uma prática educacional bilíngüe eficaz, que permita, no nosso caso, aos egressos de nossa faculdade tornarem-se peças fundamentais no processo de criação da escola que queremos: **de todos e para todos**. Uma escola que tenha como alicerces o intercâmbio das diferenças individuais e o convívio com a pluralidade humana.

### *Referências Bibliográficas*

- ANDRÉ, Marli E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, São Paulo: Ed. Papirus, 2004.
- FELIPE, Tanya A. A função do intérprete na escolarização do surdo. In: Surdez e escolaridade: desafios e reflexões. Anais do II Congresso Internacional do INES, 17-19 de setembro de 2003, cf. LEITE, Emely C. M. *Os papéis do intérprete de Libras na sala de aula inclusiva*. Ed. Arara Azul, 2004.
- Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro3.pdf>>. Acesso em: 11/07/2007.
- MORETTO, Vasco P. *Prova: um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- POLLACK, Michel. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricas*. Fundação Getúlio Vargas, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SACKS, Oliver. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução: Laura Teixeira Motta. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- TRINDADE, Azoilda L. Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. In: TRINDADE, A.L. (org.). *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola*. Campinas, São Paulo: Ed. Papirus, 2002.